

A Campanha da Fraternidade é conteúdo de conversão mais uma vez, nesta quaresma. Não se trata só de olhar para o outro e condoer-se, o que já é uma atitude louvável, mas trata-se de me identificar com cada pessoa que sofre e ver nela o rosto de Jesus que interpela. Esse olhar atinge o âmago das razões e da prática de nossa fé e de nosso engajamento pastoral, e nos leva à ação.

A Campanha da Fraternidade é oportunidade para avaliarmos a qualidade de nossas atitudes e de nossos relacionamentos. Por vezes somos demasiadamente preocupados com as normas, com o cumprimento das leis e nos esquecemos da pessoa humana. *A pessoa é o critério básico da ação evangelizadora.*

É tempo de privilegiar e investir na pessoa. Promover a qualidade de vida. Isto requer do evangelizador uma profunda atitude de identificação com o modo de agir de Jesus Cristo. Atitude de acolhida, de ternura, de misericórdia, de bondade, de ir ao encontro, de carregar a ovelha desgarrada nos ombros sem recriminá-la, mas alegrar-se porque está sendo trazida para o abrigo onde é novamente tratada e acolhida.

A atuação pastoral não pode passar somente pelas normas estabelecidas, mas principalmente pelo coração. "Rever nossas atitudes para não simplesmente repetir as fórmulas do passado" é o chamado de JOÃO PAULO II.

Os cristãos, como Jesus, hoje são chamados a porem-se a serviço da cura das feridas da humanidade. Sem esse serviço, a evangelização perde a sua

credibilidade. Isto requer conversão de posturas, de dogmatismos, de práticas.

## NOTAS

<sup>1</sup> CNBB, "Projeto Rumo ao Novo Milênio", doc 56, pg. 11-13

<sup>2</sup> JOÃO PAULO II, " do Episcopado *O Redentor do Homem*", Ed. Paulinas, SP, nº14

<sup>3</sup> CELAM, "Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino-Americano", Santo Domingo, nn. 179 a 181

<sup>4</sup> JOÃO PAULO II, "Tertio Millennio Adveniente", Paulus, 1994, nº 355

<sup>5</sup> CNBB, "Catequese Renovada, orientações e conteúdos", doc. 26, nº 143

<sup>6</sup> CELAM, III Conferência, Puebla., nº 30

<sup>7</sup> CELAM., idem, nº 27 e ss.

<sup>8</sup> CNBB, "Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil", Ed. Paulinas, 1995, nº 191

<sup>9</sup> CNBB, "Texto base da CF 97", nº 236

<sup>10</sup> JOÃO PAULO II, "Redemptoris Missio", Ed. Paulinas, 1991, nº 59

<sup>11</sup> BASSEGIO, L., "O que é Pastoral Social", in "Vida Pastoral", Ed. Paulinas, maio-junho 1994.

<sup>12</sup> CNBB, op.cit. nº 197

## Endereço do Autor:

Caixa postal 5073  
88040-970 FLORIANÓPOLIS, SC

## Fraternidade e Encarcerados

# Jesus e as Comunidades: Caminho de amor e vida

- O Novo povo de Deus na Perspectiva  
do Evangelho de Marcos -

Pe. Celso Loraschi  
Professor de Exegese Bíblica

**P**ara a compreensão da idéia de comunidade no evangelho de Marcos, devemos, antes de mais nada, ter presente a realidade a partir da qual emergiu este evangelho. Devemos também reportar-nos ao próprio ministério do Jesus histórico, da maneira como Marcos o apresenta.

Faremos isto aprofundando alguns termos que têm íntima ligação com o próprio ser e agir das comunidades de Marcos. Estes termos são: *casa, barca, montanha e deserto*. Aprofundaremos também grupos que aparecem em Marcos na perspectiva da formação da "nova comunidade": *os Doze, os Discipulos e Discípulas*.

Como Jesus queria as comunidades? Como Ele as formou? Ou como elas foram se formando e se organizando após a Morte e Ressurreição de Jesus? Qual sua prática fundamental? Como podemos hoje, iluminados/as e fortalecidos/as por esta Boa Notícia de Marcos, nos organizar em comunidades realizando a mesma prática de Jesus?

Em outras palavras, com os apontamentos seguintes, queremos atingir dois objetivos: 1) penetrar no mesmo espírito que animou Jesus e Marcos na missão de organizar e animar as comunidades... 2) construir o mesmo sonho de Jesus, no contexto histórico em que vivemos hoje.

## 1. NA ESTRADA DE JESUS

Apesar das dificuldades de precisar, com certeza, o tempo e o lugar de composição do Evangelho de Marcos (ao redor do ano 70, em Roma?), não resta dúvida de que o livro é redigido num contexto de confronto com o poder religioso, político e econômico, concentrado no Templo. Mas não só. Também o poder político - o Império Romano - com seu sistema de controle sob a guarda de espiões e militares, oprime as populações. Em Marcos 5, 1-20 vê-se claramente a tomada de posição de Jesus em libertar um homem dominado por um espírito de nome "legião", terminologia própria do exército romano. Certamente foi esse também o posicionamento das comunidades cristãs às quais Marcos está ligado.

Neste nosso estudo, porém, interessa-nos focar o caminho assumido por Jesus e seus seguidores, o qual vai-se constituir num "*novo modo de viver a fé*". Este novo modo vai levar Jesus e as comunidades a se confrontarem com a instituição religiosa, cuja expressão maior é o Templo. Ao longo do Evangelho de Marcos, percebemos uma clara intenção de deslegitimar esta instituição cimentada na ideologia do puro e do impuro. O que Marcos apresenta é uma proposta alternativa. Ele não pretende "reformular" aquela estrutura e sim suprimi-la totalmente.

Neste sentido ele se distingue de outros grupos político-religiosos da época que também se opunham ao sistema de legalismo excludente do Templo, mas não queriam destruí-lo nem substituí-lo, mas modificá-lo. O evangelista Marcos é radical, pois vê aí o centro do problema: o sistema de pureza e impureza exerce o papel de total controle sobre a população, com terríveis conseqüências econômicas e sociais que acabam tornando insuportável a vida dos pequenos e pobres (os impuros). Os que pertencem a esta instituição (os puros) são convidados, com todos os demais grupos, à "metánoia" (conversão) radical ao *novo tempo*: o tempo do Reino de Deus (Mc 1,14-15). Eles, porém, vão se opor de forma crescente à

nova proposta, espionando, perseguindo, prendendo e assassinando Jesus.

A radicalidade de Marcos contra o sistema religioso pode estar se dando no contexto da guerra entre Jerusalém (sob a liderança dos zelotas e sicários) e Roma durante os anos de 66 a 70, que culminou com a tomada da capital palestinese e a destruição do templo pelo exército romano.

## *"A radicalidade de Marcos contra o sistema religioso"*

*Em tempos de crise surgem novos caminhos.* Sem a cidade santa e sem o lugar santíssimo, os cristãos percebem e celebram a presença de Deus na comunidade, esteja ela onde estiver. A comunidade e, por derivação, cada pessoa humana, agora, é o espaço sagrado onde Deus mora e realiza seu designio de amor e vida. O sistema do puro e impuro, centrado no Templo e na Lei, ficou para trás. Agora surge um *novo Povo de Deus: comunidades de amor e serviço.*

O ponto de partida para a formação destas comunidades é o *anúncio* (kêryssô = a ação de proclamar) da Boa Nova: "Cumpru-se o tempo, o Reino de Deus está próximo. Converti-vos e crede no Evangelho" (Mc 1,15). O imperativo "*metanoieite*" (convertei-vos) deste anúncio-proclamação de Jesus é a condição "sine qua non" para entrar no Reino. É romper com o "espírito impuro" da instituição religiosa que oprime e exclui a maioria do povo, e aderir à prática de Jesus que liberta devolvendo a cada pessoa a capacidade de pensar e agir com autonomia e amor. É o novo povo com nova mentalidade, construindo novas relações de solidariedade e justiça.

Jesus não é nem "tradicionalista" e nem "revolucionário" (no sentido violento da palavra): Ele vem inaugurar uma nova criação. Para isso necessita de colaboradores e colaboradoras.

Marcos prioriza a *ação* de Jesus. São muitas as passagens em que ele diz que Jesus ensina, mas não explicita o conteúdo do seu ensinamento. A prática, porém, ele a descreve com detalhes. Este, certamente, é um dado que revela um dos desafios das comunidades: superar as teorias e elucubrações em torno de Jesus e optar pelo seu seguimento.

Os *discípulos e discipulas*, em sua maioria provenientes de grupos marginalizados, aderem e acompanham a vida e a caminhada de seu Mestre. É uma caminhada-processo em que, pouco a pouco, vão descobrindo o verdadeiro rosto de Jesus. Da Galiléia a Jerusalém, os discípulos/as vão se despojando da visão triunfalista que possuíam do Messias e vão se convertendo ao modo de ser e de agir do Filho de Deus. Seu *lugar social* é a periferia (Galiléia), a partir do qual realiza sua missão e instaura o Reino de

Deus; os *sujeitos sociais* são os pobres e oprimidos: são eles os construtores do Reino; o tempo e o espaço de construção deste Reino são os mesmos do cotidiano da vida das pessoas comuns: casa, sinagoga, aldeia, praça pública, barca, praia, montanha, deserto...

## 2. ALGUNS LUGARES, NO EVANGELHO DE MARCOS, RELACIONADOS COM O NOVO POVO DE DEUS

Em Marcos, o primeiro Evangelho escrito, não aparece nenhuma ocorrência da palavra "*ekklesia*" (igreja). Aliás, nos sinóticos aparece apenas duas vezes em Mateus: 16,18 e 18,17. Porém, podemos perceber a eclesiologia de Marcos a partir de alguns termos que ocorrem em seu livro.

### 2.1. Casa

"Casa" - em grego "*oikia*" - significa também "família, bens, propriedade"; e "*oikos*", palavra que pode ser traduzida como "família, raça, nação, descendência, lar, habitação, propriedade". No mundo grego, a casa não designava apenas a família no sentido estrito - pai, mãe, filhos - mas também todas as pessoas ligadas a esta família que residiam na mesma casa: parentes, escravos...<sup>1</sup>

Segundo Marcos, Jesus tem uma casa em Cafarnaum (2,1; 3,20); os discípulos, como Simão e André (1,29) e Levi (2,15) também possuem casa; os empobrecidos têm casa: o paralítico (2,11), o endemoninhado (5,19), a mulher siro-fenícia (7,30), a multidão faminta (8,3), o cego (8,26), as viúvas (12,40); os ricos têm casa: Jairo, o chefe da sinagoga (5,38), o grande proprietário (13,34-35), Simão, o leproso (14,3). Além disso, Jesus se retira, várias vezes, para uma casa ou se encontra nela (7,17; 7,24; 9,28; 10,10).

Quando aparece o conceito de "casa" com sentido de grupo, família (3,25; 6,4), é usado somente o termo "*oikia*". Sempre que se refere ao Templo, somente é usado o termo "*oikos*" (2,26; 11,17) e está relacionado a uma atitude crítica radical por parte de Jesus (cf ainda 12,41-44 e 13,1-2).

As freqüentes menções de Jesus retirando-se para uma casa ou encontrando-se nela, sempre rodeado por discípulos/as e/ou pelas multidões revela uma intenção eclesiológica:

- a) A casa é o lugar de evangelização por excelência. Aí Jesus anuncia a Boa Nova, ensina e, sobretudo, realiza sinais de libertação (2,11).
- b) As pessoas que estão junto a Jesus, apinhando-se nas casas, são especialmente os pobres, doentes e oprimidos. São os "impuros" do sistema religioso. A "Igreja-casa" é o espaço de vida para essa gente (2,1; 7,24).

c) A casa é o lugar onde Jesus forma seus discípulos/as, dialoga com eles/as, aprofunda a compreensão de seu ensinamento e sua prática (9,28; 9,33; 10,10).

d) A casa evoca a imagem do "novo Povo de Deus" evangelizado e convocado por Jesus. É o povo-família de Jesus. Vemos isso claramente em 3,31-35, onde a família natural de Jesus fica fora da casa onde ele se encontra. Isto certamente não representa exclusão, mas ampliação da idéia de família: "Quem é minha mãe e meus irmãos?" E, repassando com o olhar os que estavam sentados ao seu redor, disse: "Eis a minha mãe e os meus irmãos. Quem fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe".

e) Os que são evangelizados na casa tornam-se evangelizadores nas suas próprias casas. São enviados para fundar a "Igreja-casa" (5,18-20; 8,26).

Adquire um significado todo especial o fato de Jesus celebrar a ceia numa casa (14,15). E, ressuscitado, ele aparece aos onze, não no monte como relata Mateus, e sim numa casa: "Apareceu aos onze sentados à mesa" (16,14). Daí Ele os envia como missionários ao mundo inteiro e anuncia os sinais libertadores que acompanharão a missão. Deste mesmo lugar Jesus é elevado aos céus (16,15-20).

Em resumo, Marcos, fazendo da "casa" o lugar preferencial do anúncio da Boa Nova de Jesus (ensino e atitudes libertadoras), onde se encontram os discípulos, as discípulas e as multidões oprimidas; fazendo da "casa" o lugar da ceia pascal; fazendo da "casa" o lugar da missão e da ascensão, ele exalta este espaço como o espaço sagrado: o novo Templo, a nova comunidade, o novo Povo de Deus; o lugar da manifestação de Jesus Cristo, o Filho de Deus.

Devemos lembrar aqui que a casa do próprio autor do Evangelho a que estamos nos referindo, identificado como o João Marcos de At 12,12, era um lugar de reunião e oração: "Ali se encontravam muitos reunidos em oração...". Podemos supor que Marcos tenha sido evangelizado no próprio espaço de sua casa.

Escreve José COMBLIN: "Esta teologia da casa do evangelho de Marcos reflete naturalmente a situação de uma Igreja primitiva, muito primitiva, de uma Igreja constituída essencialmente por casas e

---

*"A casa evoca a imagem do 'novo Povo de Deus' evangelizado e convocado por Jesus"*

---

missionários itinerantes. Pois Jesus e os discípulos evangelizam desde as casas e nas casas e percorrem o país caminhando e semeando os sinais do Reino de Deus".<sup>2</sup>

## 2.2 Sinagoga

É interessante notarmos que, sempre que Jesus entra numa sinagoga, realiza a sua catequese e/ou cura doentes ou possessos (1,21-28; 1,39; 3,1-6; 6,2). É a extensão da "casa", com uma diferença: na sinagoga Jesus se confronta com a instituição do "sábado". A sinagoga, na concepção de Marcos, deve ser o veículo da Palavra que liberta e não o espaço do fortalecimento da ideologia dos dominantes. Por isso, Jesus coloca-se radicalmente a favor da vida, mesmo que, para isso, tenha que transgredir leis e tradições...

## 2.3 Barca

Um outro termo que Marcos usa frequentemente em seu evangelho, que tem sentido eclesiológico, é "barca". É o meio de transporte mais usado por Jesus e seus discípulos (3,9; 4,36-37; 5,18.21; 6,45; 8,10.13.14). O barco é mencionado como lugar de onde Jesus ensina as multidões (4,1) que sempre estão à sua espera na praia (3,9; 5,21): Jesus as acolhe, delas tem compaixão (6,32-34) e realiza sinais de partilha (6,30-44; 8,1-10). O barco com os discípulos é violentado pela tempestade (4,35-41) e enfrenta o vento contrário, ao cair da tarde (6,45-52): Jesus sempre intervém e salva, censurando a pouca fé dos que se encontram no barco.

É fácil perceber, nestas passagens, o retrato da vida da Igreja primitiva e a intenção de Marcos de fortalecer uma determinada visão de comunidade e sua missão no mundo.

Os textos 4,36-41 e 6,45-52 narram a cena da barca em situação de perigo, numa clara referência às dificuldades pelas quais passavam as primeiras comunidades. Se Marcos escreveu o seu evangelho entre os anos 65-70, em Roma, é possível imaginar as crises pelas quais passavam os seguidores e seguidoras de Jesus: perseguição de Nero após o incêndio de Roma, quando os cristãos foram acusados como culpados; a destruição do templo e o massacre da população com a invasão do exército romano; a dispersão pelo mundo; os conflitos gerados pelas diversas culturas e concepções: gregos, judeus, romanos...

"Havia ainda os problemas internos de liderança. A maior parte dos apóstolos e dos primeiros discípulos e discípulas já tinha morrido. Uma nova

geração de líderes estava assumindo a coordenação. Isto causava tensões, ciúmes e brigas (9,34.37; 10,41). Não era claro como se devia fazer para coordenar uma comunidade cristã... Alguns tinham negado a fé (14,71), tinham traído (14,10.45) ou fugido (14,50) e se dispersaram (14,27)... Havia medo... No meio de tantas preocupações, a preocupação maior

continuava sempre a mesma: "Como ser discípulo ou discipula de Jesus no meio desta situação tão complicada e tão difícil?"<sup>3</sup>

A "barca" navega sobre as águas do mar. O mar é lugar mitológico onde moram o leviatã e os espíritos do mal. Representa todas as forças contrárias ao projeto de Jesus. A barca enfrenta o perigo de sucumbir. A salvação vem de Jesus que, apesar da incredulidade dos

que navegam, garante sua presença e tem poder sobre as forças inimigas. Ele é o Senhor da história e dos povos como o foi Javé, o Deus do Êxodo. Ele é o libertador: "Tende confiança. *Sou eu*. Não tenhais medo" (6,50; cf Êx 3,14).

Em 4,36 vemos a referência a "outras barcas". São as comunidades que se organizaram após a ascensão de Jesus, incluídas as de Marcos. Estão espalhadas por todo o Império. Elas participam da mesma missão, com os mesmos conflitos da primeiríssima comunidade formada ao redor de Jesus histórico.

### A Barca-Igreja: mediadora de novas relações

Marcos gosta de usar "repetições": ele narra, com poucas variações, episódios semelhantes (ou é o mesmo episódio contado duas vezes?): dois exorcismos com muita semelhança entre si: 1,21-28 e 5,1-20; duas distribuições de alimento às multidões no deserto: 6,33-44 e 8,1-10; e duas narrativas de ação salvadora no mar: 4,36-41 e 6,47-52. Essa forma de narrativa dupla nos incentiva a mergulhar cada vez mais profundamente na simbólica da mesma. Essa parece ser a intenção do próprio Marcos. Vejamos isso melhor, tomando os textos em que entra a "barca" com os discípulos, salvos pela intervenção de Jesus. Estes textos nos interessam por revelarem um aspecto importante da missão das comunidades cristãs. E completemos com os textos que descrevem as *multiplicações de pães*, pois estão relacionados com as viagens da "barca".

Os dois "lados" do mar da Galiléia representam os territórios judaico e gentilico. A travessia de um lado para o outro sinaliza as duas maiores viagens de barco realizadas por Jesus. Marcos as apresenta assim:

*"a barca navega  
sobre as águas do  
mar, onde moram  
o leviatã e os  
espíritos do mal"*

Primeira viagem "para o outro lado"	→	4,35-5,1 (com tempestade)
Volta	←	5,21 (sem tempestade)
Segunda viagem "para o outro lado"	→	6,45-53 (com tempestade)
Volta	←	8,13 (sem tempestade)

Os "lados" têm forte simbolismo. Marcos está interessado em articular o "espaço" geo-social em termos de simbólica narrativa, muito mais do que em usar nomes de lugares reais. As travessias do mar funcionam como ficção que dramatiza a luta para "unir" os dois lados, os dois mundos profundamente diferentes de judeus e gentios. E a Igreja, representada pela barca, realiza a missão de mediar estes dois mundos, levando a proposta de integração mútua e de paz, garantidas pela presença libertadora de Jesus. Esta é uma forte característica do novo Povo: seus membros são as mulheres e homens que optam por uma vida pautada em relações de fraternidade, independentemente de fronteiras.

Tomemos também os textos que se referem às duas *multiplicações dos pães*: 6,33-44 e 8,1-10. Eles estão estreitamente ligados à "barca". Na primeira multiplicação, Jesus e os discípulos tentam afastar-se da multidão partindo para um lugar deserto. Ao chegarem lá, de barca, a multidão já os está esperando. Na segunda, imediatamente após a partilha, eles entram na barca e se afastam para outra

região. Este dado pode revelar uma intenção de Marcos, no sentido de indicar um importante aspecto da missão da nova comunidade: organizar a partilha dos bens (faz lembrar a partilha do maná pela comunidade

*"Transmitir aos leitores e leitoras o processo de formação do novo povo de Deus"*

de Israel no livro do Êxodo 16,1-35).

A esta reflexão podemos unir o fato de dois discípulos, André e João, terem sido chamados por Jesus a segui-lo quando estavam no barco, consertando as redes com seu pai Zebedeu (1,19-20): eles deixam este tipo de barco (modo familiar de se organizar e sobreviver) para entrar no barco-Igreja (modo de organização comunitário para garantir a vida às multidões).

*Ensinar, integrar, partilhar e acolher* são os verbos indicativos da ação das comunidades-Igreja de Marcos, ligados à simbologia da barca.

## 2.4 Montanha e Deserto

Para Marcos, a "montanha" é o lugar da manifestação de Deus (conferir o episódio da "transfiguração": 9,2-8), da oração (6,46) e da escolha dos "doze". O "deserto" tem sentido teológico: é o local das tentações por 40 dias (1,12-13), local de retiro e oração (1,35; 6,31-32). Para o deserto acorriam as multidões a fim de encontrar Jesus (1,45); no deserto Jesus realiza a primeira multiplicação dos pães (6,30-44). Tudo isto demonstra um objetivo de Marcos: transmitir aos leitores e leitoras o processo de formação do novo povo de Deus, com imagens tiradas da caminhada do antigo povo, sobretudo do tempo do Êxodo.

A presença de "porcos" pastando na montanha em 5,11 - fenômeno muito raro, talvez único na Bíblia - refere-se, de forma simbólica, à presença de soldados romanos na região de Gerasa. Toda a narração do exorcismo do possesso de Gerasa é uma forte crítica à dominação romana com seus exércitos invadindo territórios alheios. Os judeus apelidavam os invasores de "porcos" (animais totalmente impuros). Para Marcos, os "porcos" (império romano) e o sistema de pureza e impureza são o "satanás" que escraviza e desintegra as pessoas. Os dois sistemas devem ser eliminados. Daí podemos concluir que Jesus e seus discípulos/as - o novo Povo - tinham uma postura política e ideológica bem definida. Isto explica porque eram perseguidos e mortos.

## 3. ALGUNS GRUPOS, NO EVANGELHO DE MARCOS, RELACIONADOS COM O NOVO POVO DE DEUS

Não é fácil distinguir, com precisão, a diferença entre apóstolos e discípulos, pois o dom de ser convocado e enviado por Jesus, bem como o de testemunhar a sua vida e a ressurreição, não se restringe aos doze.

### 3.1 Os Doze

O texto de Marcos 3,13-19 é de fundamental importância para entender a constituição do grupo dos doze apóstolos. A *montanha*, em toda a tradição de Israel, é o lugar da manifestação de Deus. No Antigo Testamento é Javé quem escolhe o seu Povo, com ele faz Aliança e torna-se o centro de sua vida. Aqui, Jesus coloca-se no centro e, com plena liberdade de quem tem toda a autoridade, constitui o novo Povo de Deus. O momento histórico do povo de Israel que se faz presente na escolha dos *12 apóstolos* é o da Confederação das Tribos, época em que o Povo de Deus, liberto da escravidão do Egito, organizou-se em *12 tribos*, num sistema de economia partilhada (Êx 16), política participativa (Êx 18) e religião de fide-

lidade ao Deus da Aliança (Êx 20). Fica, assim, deslegitimada toda organização social que se baseia na centralização do poder e da riqueza e na manipulação religiosa, segundo os interesses de grupos.

Não é por acaso que, no episódio da expulsão dos vendedores do templo - ação de forte combate ao sistema econômico-religioso dos judeus - estão presentes os doze... Não é por acaso que o modelo de vida exaltado por Jesus é aquele que segue o jeito de ser de uma criança. Foi esta a imagem usada por Jesus para a contrapor à ambição dos apóstolos quando discutiam quem seria o maior: "Então ele, sentando-se, chamou os doze e disse: Se alguém quiser ser o primeiro, seja o último de todos e servo de todos" (9,33-37). Foi esta também a imagem que ele usou para falar dos participantes do Reino: "Em verdade vos digo: aquele que não receber o reino de Deus como uma criança, não entrará nele" (10,13-16)...

Não é por acaso que Jesus envia os doze apóstolos de dois em dois, de forma livre e despojada, para assim poderem exercer autoridade sobre os "espíritos impuros" e realizarem os mesmos sinais libertadores do Filho de Deus (6,7-13)... Não é por acaso, também, que os termos "apóstolo" (no singular) e "discípulo" (no singular) não aparecem em Marcos. A palavra "apóstolos" apenas aparece em 6,30 quando voltam da missão dada por Jesus... Em todas as outras passagens a referência usada é "os doze"...

Estas pontuações nos indicam que as comunidades de Marcos estão fortemente marcadas pela convicção de que o caminho do seguimento de Jesus é a superação de toda forma de competição, ambição e individualismo. Elas fazem parte do "novo Povo de Deus" que se fundamenta no verdadeiro povo de Israel, na época tribal: aí se encontram as autênticas origens, cuja memória impulsiona a um novo relacionamento que se expressa no serviço mútuo, na igualdade, justiça e fraternidade.

### 3.2 Discípulos e Discípulas

São muitas as referências que encontramos ao longo do evangelho de Marcos a respeito dos discípulos. O termo "*discípulos*" aparece 43 vezes. Ele designa não somente quem segue a Jesus, mas também se refere aos que pertencem à comunidade de João Batista (2,18; 6,29). Sabemos que outros, como os fariseus, tinham discípulos, mas Marcos nos oculta totalmente este dado, possivelmente para tirá-lhes toda a força e querendo reafirmar o verdadeiro discipulado.

Uma particularidade do discipulado em Marcos é que o discípulo não elege ou adere a um mestre, como era o costume, mas sim é Jesus que vai chamando e constituindo o grupo de discípulos.

Outra originalidade do discipulado de Jesus é que ele não se caracteriza pela adesão a um ensinamento e sim pelo próprio *seguimento de Jesus*. Os discípulos e discípulas caminham junto ao Senhor (3,7), estão a serviço dele (15,41), particularmente compartilham do ministério de Jesus e agem, segundo o pedido do mestre, em favor do povo (6,30-44; 8,1-10). Discípulo é o que adere a uma *prática de defesa e promoção da vida* e não o que meramente segue uma determinada doutrina. Por isso, como já dissemos,

Marcos preocupa-se fundamentalmente em relatar a prática de Jesus e não tanto o que ele ensina.

Merece destaque o fato de os discípulos possuírem origem

variada: são pescadores, publicano, mulheres... Na cena do Getsêmani aparece um discípulo armado de espada que faz pensar em zelotas dentro do grupo (14,47). A constituição do discipulado se dá, fundamentalmente, a partir de pessoas e grupos marginais em relação à lógica do sistema do puro e impuro. A adesão à proposta de Jesus consiste em um novo agir, em profunda contrariedade a este sistema. Daí a constante crítica dos fariseus que consideram Jesus e seus discípulos "pecadores", pois rompem as normas instituídas, particularmente a lei sabática.

---

*"Marcos  
preocupa-se  
fundamentalmente  
em relatar a  
prática de Jesus"*

---

### 3.3 Mulheres Discípulas

Em Marcos constatamos a presença de *muitas mulheres discípulas*. Jesus é aquele que integra social e religiosamente as mulheres. É o que percebemos já em 1,29-31. Jesus vai à casa, ao encontro da mulher (sogra de Pedro) que se encontra em estado febril. Ele a "toma pela mão e a faz levantar-se". Curada, coloca-se a serviço. É a ruptura do esquema doentio (febre = domínio pelo espírito de impureza) que está roubando a vida dentro da própria casa. Ela é a "mulher nova", discípula de Jesus, gerando vida com liberdade, na "casa". Como vimos, a casa em Marcos é o espaço sagrado de encontros, reuniões e curas.

Nesta mesma linha podemos entender a cura da mulher com hemorragia havia 12 anos e a ressurreição da filha de Jairo com 12 anos de idade. Ambas as curas denotam a atitude de reintegração na sociedade e na casa, rompendo com a lei e o espírito de exclusão da mulher, sobretudo da mulher doente.

A mulher em Marcos é também a que "abre os olhos e as fronteiras do novo Povo". O episódio da mulher grega (7,24-30) demonstra isso. Ela ajuda o próprio Jesus a perceber a verdadeira dimensão do

seu messianismo. Agora, todos, também os estrangeiros, são portadores da promessa de vida.

A viúva que deposita duas moedas no tesouro do templo (12,41-44) é a que merece uma atenção especial de Jesus. Enquanto a maioria está centrada na admiração do templo de pedra, Jesus e o novo povo valoriza e reintegra os pobres e marginalizados. A mulher pobre e viúva é a que é capaz de arriscar tudo, até sua própria subsistência pela lógica do Reino: quem dá a vida, ganha-a (8,35).

A mulher que unge Jesus em Betânia (14,3-9), apesar do seu silêncio, é a que é capaz de um gesto profético admirável, professando publicamente sua fé e seu amor por Jesus, gesto que jamais será esquecido: *Onde quer que for proclamado o Evangelho, no mundo inteiro, se recordará o que ela fez...*

Desde a Galiléia até Jerusalém várias mulheres acompanham Jesus: "Elas o seguiam e serviam enquanto esteve na Galiléia. E ainda muitas outras, que subiram com Ele para Jerusalém". Junto à cruz estão elas numa demonstração de perseverança e fidelidade ao seguimento de Jesus (15,40-41).

A primeira testemunha da ressurreição de Jesus é Maria Madalena (16,9-11). É ela quem vai anunciar a maior de todas as notícias aos demais seguidores de Jesus. Ela se torna "apóstola dos apóstolos"...

Não resta dúvida de que as comunidades às quais se dirige Marcos com seu evangelho são animadas essencialmente por mulheres. Elas abrem caminhos, quebram esquemas, ampliam visões e levam à nova prática de defesa e promoção da vida sem limites.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo sobre a formação e missão do novo Povo de Deus em Marcos, queremos ressaltar alguns pontos:

1. Jesus não se preocupou em "fundar" a Igreja e sim em constituir o novo Povo de Deus, configurado no acontecimento fundacional do Êxodo, na manifestação do Sinai e no projeto da confederação das Tribos de Israel...

2. O "novo Povo de Deus" se caracteriza pela atitude de seguimento de Jesus que se expressa no serviço mútuo, na compaixão, no acolhimento e nas ações libertadoras... O documento "Rumo ao Novo Milênio" nos lembra: "No seguimento de Jesus verificamos a dignidade inalienável de toda pessoa humana, objeto do amor de Deus, que chama cada um a realizar-se responsabilmente a partir de sua liberdade".<sup>4</sup>

3. As comunidades cristãs, além de testemunharem relações de fraternidade entre seus membros devem ser mediadoras de relações novas entre pessoas e culturas diversas...

4. São comunidades de Fé em Jesus Cristo morto e ressuscitado, que transformam as situações adversas em caminhos de vida e liberdade, revelando assim seu poder de salvação. O critério de pertença ao "novo Povo" não é mais a raça ou o sangue, mas a fé em Jesus Cristo...

5. São comunidades de Esperança: as situações de morte, de opressão e de marginalização serão vencidas. O mal não tem a última palavra...

6. São comunidades onde se vive a participação igualitária. Não percebemos que Marcos dê indícios de uma organização hierárquica. Pelo contrário, o que ele apresenta, de forma insistente, é uma nova maneira de viver, baseada na fraternidade. O fato de Pedro, Tiago e João serem destacados em alguns momentos revela a influência que eles exerceram junto às comunidades primitivas e que Marcos parece criticar (cf. 8,31-33; 9,9-10; 10,35-40; 14,26-31...), provavelmente por serem os três mais identificados com a instituição religiosa judaica.<sup>5</sup>

7. Os "Doze" são representativos do "novo Povo". Todos e todas que seguem Jesus em sua prática são seus discípulos/as, com a missão de continuar e ampliar a implantação do Reino de Deus...

8. O "novo Povo" é formado por marginalizados, isto é: o critério básico pelo qual se orienta o evangelista Marcos, não é a pobreza ou a riqueza, e sim a marginalização, sobretudo provocada pelo sistema do Templo...

9. De forma particular, Marcos ressalta a participação importante da mulher nas comunidades primitivas. Destaca nomes como Maria Madalena ("apóstola dos apóstolos"), Maria, mãe de Tiago e Salomé (Mc 15,40; 16,9). O próprio Jesus deixa-se corrigir por uma mulher grega (7,24-30)...

10. Em contraposição ao sistema do Templo, Marcos apresenta a "casa" como espaço de vida e centro de evangelização. O espaço sagrado do "novo Povo" não se restringe mais a um determinado lugar...

11. Em síntese, o "NOVO POVO DE DEUS", a partir da prática de Jesus, se orienta:

- por uma "nova política": em oposição ao poder imperial e do Templo, a prática do

poder-serviço, da não-violência ativa e do amor mútuo;

- por uma "nova economia": em oposição ao sistema concentrador e excludente, a prática da partilha dos bens, segundo a necessidade das pessoas;
- por uma "nova ideologia": em oposição ao absolutismo da autoridade e da lei, a prática da valorização da vida com centralidade na pessoa humana;
- por uma "nova sociedade": em oposição à estrutura social organizada a partir da raça, gênero e classes, uma prática de respeito, igualdade e fraternidade, onde todos/as podem participar...

## NOTAS

<sup>1</sup> Cf COMBLIN, José, "A Igreja nas Casas" in REB, vol 47, fasc. 186, Junho de 1987, p. 328.

<sup>2</sup> Idem, pp. 332-333.

<sup>3</sup> Cf CNBB "Caminhamos na Estrada de Jesus", Paulinas, São Paulo, 1996, pp. 18-20.

<sup>4</sup> Cf CNBB "Rumo ao Novo Milênio", 71

<sup>5</sup> Cf RIUS-CAMPS, Josep, "O Evangelho de Lucas", Paulus, São Paulo, 1995, pp. 162-163.

## BIBLIOGRAFIA:

COMBLIN, José, "A Igreja nas Casas", REB, vol. 47, fasc. 162, Junho de 1987, pp. 320-355.

VV.AA., *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, Vozes (Petrópolis) e Centro do Livro Brasileiro Ltda (Lisboa), 1977.

CNBB, "Caminhamos na Estrada de Jesus", Paulinas, São Paulo, 1996.

CNBB, "Rumo ao Novo Milênio", documento 56, Paulinas, São Paulo, 1996.

ALEGRE, Xavier, "Marcos ou a Correção de uma Ideologia Triunfalista", Série: Palavra na Vida n. 8, CEBI, Belo Horizonte, 1988.

BALANCIN, E, Martins, "Como Ler o Evangelho de Marcos", Série: Como Ler a Bíblia, Paulinas, São Paulo, 1991.

DELORME, J., "Leitura do Evangelho Segundo Marcos", Col. Cadernos Bíblicos, n. 11, Paulinas, São Paulo, 1985.

MYERS, Ched, "O Evangelho de Marcos", Col. Grande Comentário Bíblico, Paulinas, São Paulo, 1992.

LANCELLOTTI, B. Uricchio, "Comentário ao Evangelho de São Marcos", Vozes, Petrópolis, 1971.

THEISSEN, G., "Sociologia do Movimento de Jesus", Vozes (Petrópolis) e Sinodal (São Leopoldo), 1989.

LOHFINK, G., "Como Jesus Queria as Comunidades?", Paulinas, São Paulo, 1987.

## Endereço do Autor:

Paróquia São Cristóvão  
BR 116, Km 147 - Bairro Cidade Alta  
88.516-600 - LAGES - SC

## Fraternidade e Encarcerados

# Jesus Cristo e os Direitos Civis

"Deus ama o direito e a justiça" (Sl 33)

Ivo Tolomini  
Juiz Federal aposentado

## INTRODUÇÃO

O anunciado tema da Campanha da Fraternidade para 1997: *A Fraternidade e os Encarcerados*, com o lema: *Cristo liberta de todas as prisões*, harmoniza-se com o projeto de Evangelização para o novo milênio, que considera a promoção dos direitos civis, especialmente dos mais pobres, uma das indispensáveis exigências da Evangelização.<sup>1</sup>

## 1. O DIREITO E A MORAL

O Direito, como ciência social que é, deve ser compreendido como norma das ações humanas na vida social e dos valores cuja realização permita a afirmação do cidadão no meio em que vive. Como projeção do espírito, o Direito ordena-se nas comunidades juridicamente organizadas, onde os indivíduos se associam e se integram. Realizar o Direito é, por isso mesmo, realizar os valores de convivência, não do indivíduo isoladamente, mas da comunidade como